

## Introdução

Se fosse possível fazer a história deste pequeno livro, começaria talvez por dizer que tudo começou quando, numa aturada leitura a Goffman, encalhei com uma das suas mais conhecidas metáforas: *a vida social como representação teatral*. E, devo confessar, essa metáfora abriu-me a porta a demasiadas confusões e equívocos. Um exemplo é o nexos mecânico de causa e efeito que geralmente se estabelece entre a «superfície da vida colectiva» e a «experimentação dramática». Entretanto, Duvignaud acotovelava-me, mordaz: «Não é verdade que cada género de vida colectiva implica um sistema no qual as formas de criação teatral ocupam um lugar original?»<sup>1</sup> Tudo isto ao mesmo tempo que ao ouvido me ecoavam os presságios de Sennett: aonde predomina uma vida social e pública intensa, existem afinidades entre os domínios do teatro e da rua. Quando ao longo do séc. XIX a vida pública declina e entra em crise, essas afinidades perdem relevância<sup>2</sup>.

Eis como surgiu uma das interrogações que atravessam grande parte deste livro<sup>3</sup>: portadora de signos de aparência, de teatralidade, como é que evoluiu a *imagem da mulher burguesa nos meios urbanos do séc. XIX em Portugal*? Será que essa imagem evoluiu, de acordo com as teses sennettianas, no sentido de uma perda da sua configuração teatral, manipulativa, instrumental, modelável, erótica?

A interrogação atrás referida estará também presente na análise de alguns *rituais de galantaria e de namoro* mais em voga nos meios burgueses do séc. XIX – ainda que, aqui e além, e por necessidades

---

<sup>1</sup> Jean Duvignaud, *Sociología del Teatro, Ensayo sobre las Sombras Colectivas*, México, Fondo de Cultura Económica (2.ª ed.), 1981, p. 9.

<sup>2</sup> Richard Sennett, *El Declive del Hombre Público*, Barcelona, Ediciones Península, 1978.

<sup>3</sup> Os primeiros resultados desta investigação surgiram num *Colóquio Interdisciplinar sobre a Mulher em Portugal*, realizado em Fevereiro de 1985, na Fundação Calouste Gulbenkian, e organizado pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

durkheimianas de comparação, tenha de extravasar a investigação para além dos limites cronológicos definidos pelo séc. XIX. Um recurso epistemológico a que se recorre ao longo do presente trabalho, e que será objecto de tratamento autonomizado já no capítulo 1, diz respeito à aplicação da teoria dos jogos ao estudo dos rituais de galantaria.

Ao longo de todo o livro veremos como as estratégias da *coquete* se apresentam ora *estáticas*, ora *dinâmicas*, apoiando-se contudo, e fundamentalmente, num tipo de comunicação não verbal (CNV): a configuração física, o vestuário, a maquilhagem, o penteado (aspectos estáticos da CNV); o espaço, a postura, os gestos, os movimentos do corpo, os instrumentos não verbais da CNV (aspectos dinâmicos da CNV). De algumas dessas estratégias de conquista nos ocuparemos, valorizando a relação entre os comportamentos específicos não verbais e, respectivamente; *a)* as características do «emissor» da CNV; *b)* as características dos pólos receptores da CNV; *c)* e, como não poderia deixar de ser, os aspectos com interesse sociológico do contexto social em que se produz essa CNV.

Não queria terminar esta introdução sem fazer uma breve referência à natureza das fontes documentais que serviram de base a este estudo, fontes essas em grande parte literárias. Não havendo outra opção que o recurso a este tipo de fontes, há que ter em conta que as informações delas extraídas não acertam maquinalmente o passo com a realidade social. Na verdade, um escritor nunca expõe aos seus leitores aquilo que vulgarmente se designa por «realidade nua e crua». O que, por exemplo, um novelista vê são aparências, e estas dependem – até no modo como são apreendidas – de uma ideologia particular ou de contradições ideológicas manifestas ou latentes <sup>4</sup>.

Argumentar-se-á então, com uma certa razão, que o recurso às fontes literárias é uma opção que envolve sérios riscos. Contudo, isto não quer dizer que o texto novelístico não possa considerar-se um importante documento no estudo da imagem da mulher burguesa e dos rituais de galantaria nos meios burgueses do séc. XIX em Portugal. E nem valeria a pena citar Foucault, para quem a novela deixou de ser um «monumento» para converter-se num «documento». É preciso reconhecer que as fontes literárias, baseadas em novelas ou romances, ainda que nos

---

<sup>4</sup> Estas preocupações foram já abordadas numa comunicação que apresentei ao Colóquio sobre Fontes da História Contemporânea Portuguesa, realizado em Outubro de 1984 na Fundação Calouste Guibenkian e organizado pelo Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

limites do fantástico, podem objectivar o real através de múltiplas (re)construções ambientais.

De qualquer forma, se é verdade que as fontes literárias pretendem retratar uma realidade à qual, todavia, não podem ser reduzidas, o estudo dessa realidade só é possível a partir do momento em que se conceba a obra novelística como um produto social e não apenas como um meio susceptível de constituir um suporte de modelo de análise e síntese de uma realidade social. Com efeito, as fontes literárias são apenas reveladoras da realidade social na medida em que a encobrem com os seus artificios. Aliás, mesmo aquelas fontes que se notabilizam por praticar uma redução «materialista» da realidade são levadas, aqui e além, a transfigurar essa mesma realidade com trabalhados artificios. De qualquer maneira, o que importa salientar é que tais artificios são usados na tentativa de resolver o menos solúvel dos problemas de interpretação que se colocam às Ciências Sociais: que sentido e, em consequência, que forma dar ao incessante transcorrer do tempo social e histórico?

Por outro lado, para além das fontes literárias novelescas ou romaneadas, um outro tipo de fonte a que bastantes vezes se recorrerá neste trabalho – os *manuais de civilidade* – oferece tantos ou mais riscos do que as fontes atrás abordadas. Os manuais de civilidade comportam um discurso relativamente diferente do das novelas ou dos romances. Enquanto nas fontes literárias se modela uma realidade tal «como ela é» ou se aparenta, os manuais de civilidade funcionam, em contrapartida, como instrumentos de inculcação de hábitos e de regras de etiqueta em que ressalta um sentido finalista em ordem às pessoas actuares «como deve ser»... Os códigos de estruturação de comportamentos veiculados pela literatura de civilidade não têm, por conseguinte, uma correspondência integral ou inequívoca com os comportamentos reais. Maria de Lourdes Lima dos Santos já chamou a atenção para este facto num seu livro em que trata de manuais de civilidade (MC): «Seria de levantar a questão de saber até que ponto os MC podem estar desfasados relativamente aos efectivos usos da ‘boa sociedade’ – questão cujo esclarecimento exige um confronto entre os referidos MC e outros documentos do mesmo período (por exemplo, crónicas mundanas, romances, etc.)»<sup>5</sup>. Contudo, esse confronto, no caso do objecto sobre o qual se centra a presente investigação, não é fácil ou nem sempre é possível. Basta dizer que grande parte da literatura de civilidade consultada sobre o tema em análise – a imagem da mulher e os

---

<sup>5</sup> Maria de Lourdes Lima dos Santos, *Para Uma Sociologia da Cultura Burguesa em Portugal no Séc. XIX*, Lisboa, Editorial Presença/Instituto de Ciências Sociais, 1983, p. 21.

rituais de galantaria nos meios burgueses do séc. XIX em Portugal – não se encontra datada. O mesmo acontece, de resto, com algumas crónicas mundanas e demais literatura de cordel, havendo sempre lugar para uma pequena margem de erro na localização temporal precisa dessas fontes.

Dito isto, é evidente que o estudo da imagem da mulher e dos rituais de galantaria nos meios burgueses do séc. XIX em Portugal é uma *enteléquia* – tomada esta expressão no seu sentido figurativo, isto é, algo difícil de entender. O que no fundo está em causa é a estruturação e reelaboração de uma mensagem linguística (um *corpus* de textos literários ou periodísticos) que se convertem numa nova mensagem linguística (a do investigador). Como evitar a contaminação que implica toda a linguagem acerca de uma linguagem? Como obviar ao perigo de «fazer dizer» mais do que o *corpus* diz, ou menos, ou outras coisas que o *corpus* não diz? Como, e através de que técnicas de análise, seleccionar os textos entre os milhares de páginas que desfilam ante a nossa observação curiosa? Como os classificar? Como elaborar uma matriz de análise que nos permita estruturar os textos seleccionados, categorizando-os e ordenando-os?

A realidade que então se descreve – é impossível a apropriação do real-social – é sempre uma imagem construída pelo investigador, é uma maridagem entre a sua capacidade de observação e de interpretação e o uso que faz de um acervo de elementos que a comunidade científica coloca num dado momento à sua disposição. Com o andar do tempo, é possível e desejável que novas metodologias e novos avanços na análise da mensagem linguística permitam matizar ou, inclusivamente, corrigir a investigação que agora e *aqui* se apresenta a público.